

O casamento

Nunca fui feito para formatos. Nem ao nascer, nem aos 61. Meus pensamentos sempre marcharam em linha reta em direção à ação, e as palavras que ficavam para trás sobreviviam apenas como ecos — um tom, um gesto, um silêncio que dizia mais do que a frase.

E começou quando eu observava os casais do início do século XX. Casamentos sólidos, vidas longas, e traições administradas com a filosofia mais antiga já inventada: se o coração não vê, o olho não dói. Naquele tempo, trair era um investimento familiar. Os filhos eram o subproduto, o trabalho era o destino, e os casamentos eram a única despesa real — os envelopes pagavam a festa, o resto ficava por conta do casal. Dizem que era porque não havia TV. Nem talk shows. Nem distrações. Só comida, intimidade e a verdade primitiva de ser humano.

Então, o que foi que eu fiz? Comecei a me casar. Em toda parte.

Polônia, 1985. A fase pré-casamento era uma obra-prima: ela te dava tudo, os parentes te adoravam, e todo mundo sorria porque sabia que depois da cerimônia... você estaria por conta própria pelos 50 anos seguintes.

E porque fui criado por oito anos num internato católico, eu insistia em duas fases: primeiro o ritual espiritual, a papelada legal depois. Bem depois. Tarde demais. Na verdade... nunca.

Entre 1985 e 1992, o mundo acreditou que eu havia me casado quase três vezes. Os rituais eram perfeitos. A parte legal? Eu estava sempre “indisponível.”

Então a vida fez o que a vida sempre faz: mandou-me uma mulher que morava a cem metros da minha casa. Ela quebrou o sistema. Casou-se comigo convencida de que a ideia era minha. Deixei que acreditasse. Porque perder para ela foi a única vitória de verdade. Resultado: três filhos, trinta e três anos de casamento.

Mas a história não termina aí. Entre 1995 e 2015, colecionei mais onze casamentos simbólicos pelo mundo. Mesmo ritual, mesma mágica, mesma fuga. As pessoas não acreditavam em mim. Continuam não acreditando.

E um dia entendi uma coisa simples: eu não podia me casar com todas as mulheres da terra. Não podia ficar com todas. Mas podia ficar com os momentos. Um de cada vez. Porque as mulheres — todas elas — sempre foram superiores a nós, homens.

E ainda estou aqui, ainda tentando conquistá-las, um momento de cada vez. Porque esse é o único casamento em que honestamente acreditei.

Nando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com